



#### A MEDITAÇÃO DE JESUS.

OH CHRISTO! — quando no meio de uma plebe corrompida pela servidão, e encendida contra ti pela credulidade em palavras d'hypocritas, tu eras arrastado pelas vagas populares na terrível procella do dia extremo da vida, por certo que o teu coração verteu sangue debaixo do peso de tão dilatada agonia:

Como, pois, foi possível que diante dos insensatos que te atormentavam, rei da philosophia eterna, não clamasses segunda vez ao Pae, como na solidão de Gethsemani, para que te afastasse dos labios o calix que trahordia de fel e de amargura?

Como foi possível que tu, o que havias condemnado as gerações passadas, e arremessado as futuras por um caminho até ahí incognito, não curvasses a cabeça diante do espectro de padecer atroz, e não trahisses a tua missão, dizendo *basta!*, e fazendo cabir a teus pés com a face no pó os verdugos da tua innocencia?

Nessa hora, Filho do Homem, não eras tu fraco e mortal como todos os teus irmãos?

Na historia da tua mysteriosa passagem na terra muitas paginas quizeste, oh Christo, que fossem deixadas em branco; porventura porque se essa historia fosse completa, a sabedoria do homem poderia egualar a sabedoria de Deus.

Nós achâmos hoje os vestigios dos teus pés pela subida do Golgotha; mas estão apagados os que estam-

paste nas ruas de Salem, na hora em que os assassinos tinham vestido a toga de juizes, e, julgando-te pela lei do odio popular, blasphemavam da justiça.

Foi essa hora de dolorosa anciedade, que a tradição guardou no incompleto thesouro do Evangelho, e por isso a tua constancia entre as affrontas e atrocidades das turbas desenfreadas por hypocritas, é o mais terrível e profundo dos mysterios da tua morada na terra.

Na cruz semimorto estorceste-te, oh Christo, nos trances da agonia e bradaste ao Senhor:—*Heli! Heli!*— porque padeceste e soffreste em silencio na hora em que eras cheio de vida?

Por certo que, quando os esbirros e algozes te levavam entre apupos e risadas perante Pilatos, e entre os brados de morte daquelles para quem o teu exemplo era um remorso, elles te deixaram repousar assentado sobre o marco da estrada, no transito de amargura.

E tu, oh Christo, ficaste alguns momentos só com os teus pensamentos, immensos e insondaveis qual o espaço em que está derramada e perdida a infinidade dos mundos: e estes momentos avigoraram e consolararam o teu espirito.

Depois que o governador romano procurára resgatar-te, por preço de vituperios e crupezas, da sanha sangui-sedenta dos hebreus, e não o alcançando te entregára aos furiosos para que te arrastassem ao Calvario, lavando as mãos do crime, em quanto elles clamavam que o sangue do justo cahisse em cima de

suas cabeças e das cabeças de seus filhos, os soldados te conduziam ao patíbulo.

E o pobre Simão de Cyrene não tinha ainda tomado aos hombros o instrumento ignominioso do teu supplicio, que hoje é para os homens o pharol da esperança.

Foi então, talvez, que encostaste os membros pisados e feridos sobre a pedra fria á borda do caminho do Golgotha.

Porque o Senhor, que te enviára á terra, moveu os animos dos algozes para que te deixassem repousar, e nesses curtos instantes a idéa da tua missão, generosa e terrível, anniquilando em ti o sentimento da existencia material, te avigorou o espirito até o logar do sacrificio.

A consolação desceu sobre ti, oh atribulado, esquecendo-te do logar em que estavas, e dos que ao redor da victima esperavam em silencio que ella se erguesse para proseguirem no seu prestito festivo de antropophagos.

Com a fronte encostada ao braço, firmado sobre os joelhos, foi larga e profunda a tua meditação que abrangia, no espaço o mundo, e no tempo os seculos passados, o presente e o indefinito porvir.

Porque para ti não havia estas medidas por onde o homem é constrangido a afferir os phenomenos do universo, e que, tirando-as do seu modo d'existir para as applicar ao que o rodea, denominou duração e extensão.

Sobre a tua cabeça um céu sem limites patenteava os mysterios que encerra a teus olhos divinos, e volvendo estes para a terra vias o orbe inteiro a teus pés, e a sua historia desde o primeiro até o ultimo dos dias estava escripta na face delle.

Que viste, oh Jesus, na historia que passára e na que passava rapida ao redor de ti? Corrupção e miseria.

Viste os homens separados dos homens detestarem-se e perseguirem-se ignorando que eram irmãos: viste o crime de Caín convertido em norma dos povos.

Viste que a virtude era uma ostentação vã — um embuste contado ás multidões, porque não se firmava nem no céu nem na esperança: que o poder era uma tyrannia insofrível, e a obediencia servidão: tyrannia até no ser pae, escravidão até no ser filho.

Viste á roda de ti desmentidos todos os affectos humanos: viste a espada posta no logar da lei: viste combates de gladiadores e o pão arrojado pelos despotas ao tigre popular para haverem de pôr mais longe a hora de serem devorados por elle.

Viste a superstição dos idolos, um culto dissoluto e infame aos deuses das mãos dos homens, e os vicios e crimes sanctificados por hypocritas.

As gerações que te precederam e a que te rodeava estavam com um cadaver gangrenado: a civilização era um ouropel: a vida um materialismo insensato.

A sociedade fóra pois, até a tua vinda, uma mentira maldicta: engano cruel continuaria a ser, se tu, oh Christo, não tiveras vindo para a transformares com a tua sabedoria celeste.

Tu afastaste então os olhos horrorizado deste espectáculo atroz para contemplares o futuro, que filho do teu evangelho regeitava e condemnava o passado.

E a temerosa cruz do supplicio te appareceu gloriosa, porque se erguia como um pendão, em volta do qual se ajuntavam os que pelejavam por ti com as armas da verdade, da resignação e do amor.

Os christãos das catacumbas passaram diante de ti como um exercito de martyres, que testificavam a

philosophia da redempção, e cujos hymnos d'esperança retumbavam por essas arcarias immensas e tenebrosas, em quanto por cima delles no solo de Roma restrugiam os cantos obscenos, as risadas ebrias nas orgias dos senhores do orbe.

Depois viste-los diante da luz do dia assistindo á longa agonia do imperio, e offerecendo ao povo gigante, que morria, como um velho infame, á força de dissoluções, a unica salvação que lhe restava — a que o Senhor guardou para o arrependimento — a d'alem do sepulchro.

Os selvagens do norte se agglomeraram então diante de teus olhos, sobre o vulto dessa sociedade moribunda, e despedaçando e triturando entre as suas mãos de ferro templos, palacios, monumentos, leis, sciencias, tudo, na sua nativa fereza, na sua barbara virtude, não tomaram uma só peça de tantos thesouros:

Salvo duas cousas peregrinas em Roma, duas cousas que nunca tinham podido ligar-se e harmonisar-se com os objectos de luxo, com as obras primas da civilização antiga.

Eram estas duas cousas, oh Christo, um madeiro tosco, um rolo de pergaminho pouco extenso; — a tua cruz e o teu evangelho!

Porque para os pobres e rudes barbaros estes dois monumentos eram simples e intelligiveis, apesar de sublimes: o esforço generoso e indomavel daquelles homens ingenuos comprehendia o teu sacrificio: a singelesa do seu coração comprehendia as virtudes que tu ensinavas, novas para elles como o tinham sido para a sociedade corrompida, que se desfazia debaixo de seus pés.

Neste momento, que separava duas fórmulas d'existir humanas, a antiga e a moderna, a tua crença, oh Filho do Homem, tomava pela mão as nações que surgiam do meio de uma grande revolução social, e guiava-as pelo caminho de uma nova civilização bem diversa da que cessava.

Quanto hoje é honra e gloria dos grandes povos, tudo tu viste nascer da tua palavra como de fonte caudal: o facho que tu accendeste foi que allumiou o mundo.

Viste que o tronco, onde devias soffrer trance affrontoso no topo do calvario, seria o asylo juncto do qual viriam abrigar-se milhões d'homens das gerações futuras.

Depois de haveres contemplado a tua obra, oh Jesus, ergueste-te para caminhares ao supplicio, e os que te rodeavam viram no teu rosto divino um jubilo ineffavel, um sorriso de bemaventurança nos teus labios. O que tanto amára os homens julgava-se acaso pago de um sacrificio immenso?...

A tua boca não o disse: tu guardaste para ti esse mysterioso segredo!

O juiz a quem se revelou a tua innocencia, chamou-te o *homem*: — Nós a quem tu revelaste os nossos eternos destinos, e os mais puros e sanctos affectos da vida moral, nós te chamámos um Deus.

\*

Mas a ingratidão não foi exterminada da terra!

Veio um seculo em que a arvore da civilização e da sciencia estava robusta e cheia de viço: a vasta sombra de seus ramos abrigava a melhor parte do genero-humano: e os filhos da civilização e da sciencia começaram a envergonhar-se de ti, e logo depois a motejar-te, e a cuspir-te nas faces como haviam feito os judeus.

Os desgraçados pensavam que essa arvore plantada por ti — e por ti só — tinha chegado á perfeição do vecejar, e que os que viviam debaixo della eram bem superiores ao que escondêra na terra a sementinha incognita da qual ella nascêra.

O evangelho era, porém, eterno!

Quando tu, Senhor, lançaste os olhos torvados do alto dos céus para condemnares estes homens orgulhosos, estes sabios que renegavam da origem de toda a sciencia, elles tinham passado, e não lhes achaste outro vestigio senão o grande silencio das suas campas.

E a nós, que lhes succedemos, viste-nos de joelhos de roda da tua cruz.

A arvore da sabedoria havia bracejado mais robustos troncos, mais virentes ramagens, e foi nos provado então que ella nascêra no Calvario.

Hoje, Senhor, a historia humana vem confirmar todos os dias a tua historia divina: a philosophia actual ergue sobre as ruinas dos systemas passados o lábaro da tua philosophia.

A sciencia que indaga maravilhas pelos plainos do céu, ou vae procura-las nas lobregas entranhas da terra; que as busca nos continentes, ou no vulto enorme dos mares, amontoa-as para com ellas tecer a corôa da tua gloria.

As nações que vês agitarem-se e rugirem dolorosamente em luctas civís, não fazem senão preparar-se para poderem escrever nas taboas de bronze das leis duas palavras, que resumem todo o Evangelho — liberdade e fraternidade.

Aquellas, emfim, a quem a natureza enriqueceu com os thesouros do genio, derramam a teus pés quantas harmonias mais sublimes e suaves a poesia revelou a este seculo que crê e espera, como Maria, o balsamo de nardo.

A mim, que sou pobre como a viuva que affastou o obolo, perdoarás por certo, oh Christo, estas linhas escriptas no pedestal da tua cruz, durante os dias em que os teus crentes celebram a memoria do tremendo sacrificio do Golgotha.

(A. Herculano.)

#### CONFIANÇA.

CONFIANÇA é o conceito que formamos da verdade e inteireza dos outros, em virtude do qual damos ás suas palavras inteiro credito. É tambem certa idéa vantajosa que fazemos da nossa aptidão para qualquer cousa, que affugenta a timidez e o susto, consentindo-nos que prosigamos em nossos planos sem hesitação ou receio. — A confiança degenera por vezes n'uma ousadia viciosa que toca na imprudencia; e outras vezes é a ausencia do temor, que nasce do conhecimento da innocencia propria. Confiar na verdade e inteireza dos outros, e ter a certeza de que somos igualmente retribuidos, é um estimulo de tão fino toque que sinceramente nos admira que os homens, geralmente fallando, não sejam mais sollicitos em promove-lo. Se entre elles houvesse mutua confiança, fariam desaparecer, só com este facto, grande parte das miserias que affligem a humanidade. — Com que vantagem se não tomaria tão feliz accordo? — Quão tranquillo não viveria o commerciante e o proprietario, se podessem pôr as mãos no fogo em abono da honra e probidade das pessoas a quem houvessem confiado os seus cabedaes?

Viajantes ha que affirmam acontecer isto em varios paizes do mundo, aonde os logistas não receam ausentar-se das suas lojas uma vez que marquem nas fazendas o preço da venda: tal é a certeza que tem de que as pessoas que lh'as levarem deixarão, sem a menor fraude, o preço equivalente. Assim se pratica na Suissa e em algumas partes da Turquia.

Ter grande cuidado em ser verdadeiro é o primeiro passo para merecer confiança. Quem uma vez fôr

achado em falsidade, difficilmente depois o acreditarão, embora diga cousas mui possiveis e até prova-veis: — os outros, temendo ficar por mentirosos se repetem as suas palavras, nunca o fazem, e reputam sempre mera fabula o que elle conta. O homem que usa mentir perde toda a confiança; e se alguma vez é forçoso tratar com elle, acreditando-o, é isso feito com tal hesitação que torna essas relações summamente desagradaveis. — Ao homem verdadeiro succede inteiramente o contrario; embora as suas asserções vão d'encontro á probabilidade; embora ellas pareçam quasi incriveis; — o credito que merecem as suas palavras induzem a ter como exacto quanto elle disser. Todavia, a pezar das vantagens reservadas para os que amam a verdade, e das tristes consequencias do embuste e da mentira, pessoas ha que por habito inveterado mentem de continuo e descaradamente; affirmam o que todos conhecem ser falso, ás vezes só com o fim de provocar riso; e praticam outras acções, que contribuem para que seus filhos e familiares não tenham o erro e falsidade no devido horror e odio.

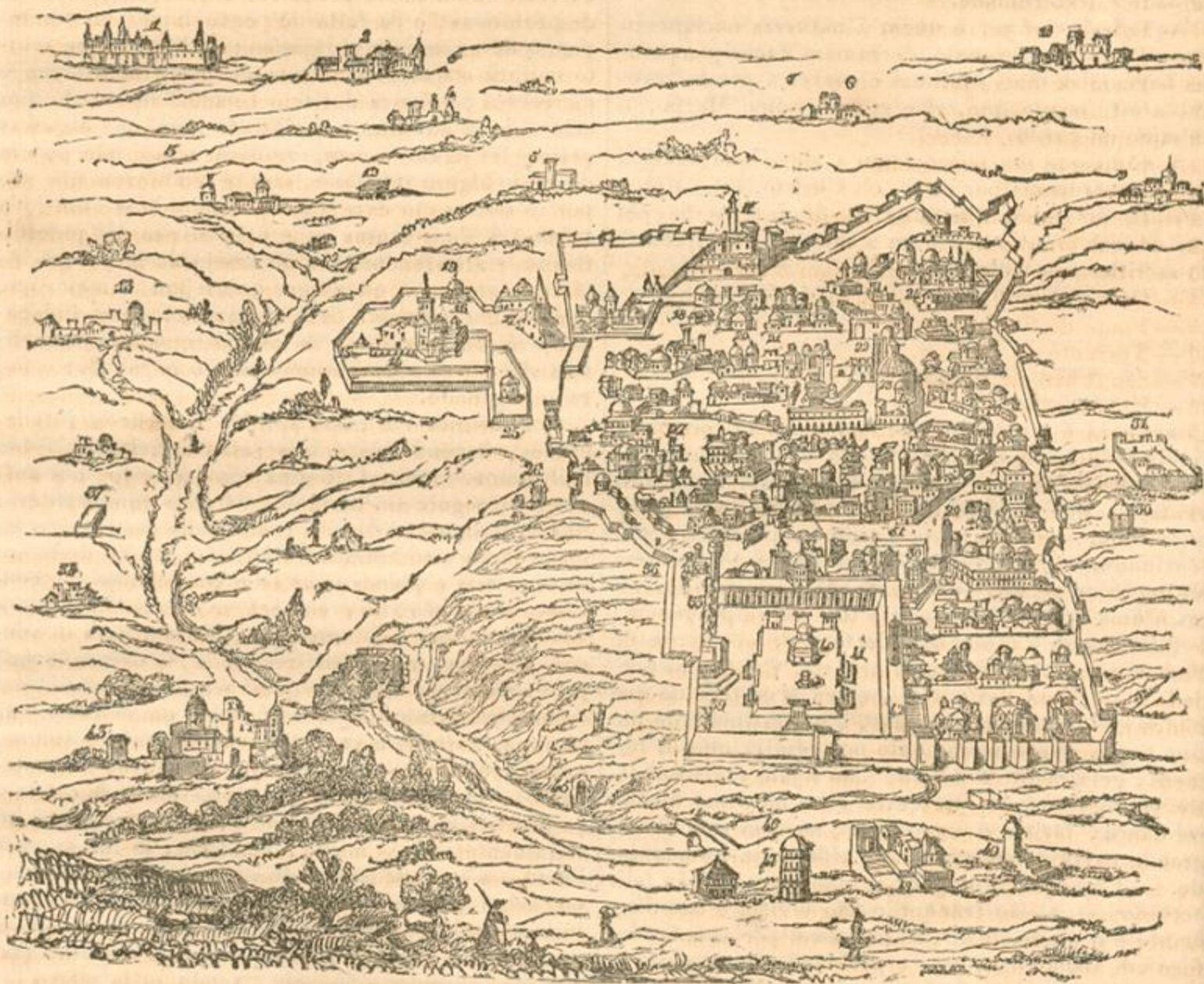
Ha uma qualidade de mentira em que pessoas, ás vezes estimaveis, peccam commummente, não prevendo, por certo, as consequencias de assim procederem. Fallamos do pouco cuidado no cumprimento de promessas, e da falta de pontualidade no desempenho de quaesquer obrigações: — defeitos que muito evitará o que desejar manter o seu bom nome e merecer a confiança dos seus concidadãos. — É com effeito para admirar a facilidade com que algumas pessoas se ligam a compromissos a que não podem de modo algum satisfazer, sem se lembrarem que vão pôr os outros em expectação, dando de si uma idéa triste. A duas causas póde attribuir-se tal procedimento — a leviandade, e ao desejo de promover interesses proprios, quaesquer que sejam os meios que nisso se empreguem. Sem entrar-mos nessa indagação, só affirmaremos que as consequencias da mentira são ás vezes fatalissimas para o enganador e para o enganado.

Confiar-mos em nossa aptidão e recursos intellectuaes, havendo para isso rasão sufficiente, é tão util quanto louvavel: é uma convicção que nos anima a proseguir em designios ás vezes conducentes a fins utilissimos. Assim, a temeridade como a irresolução são-nos summamente fataes, porque destroem as emprezas e planos mais bem combinados. A confiança no bom exito, embora se antepõem grandes obstaculos, é ás vezes quanto basta para os vencer, e conseguir um feliz resultado: a desconfiança, pelo contrario, importa quasi sempre a ruina total de qualquer empreza. A confiança é uma virtude que as almas grandes e generosas vulgarmente possuem, e que procede do conhecimento íntimo de haver seguido a estrada do bem. Ha uma especie de confiança mui visinha da imprudencia, e que se não é inteiramente vicio, muito, comtudo, se lhe assemelha: — é qualidade summamente reprehensivel nos mancebos e senhoras, em quem deve sempre transluzir a modestia e recato, unico meio de se tornarem amaveis. Este genero de confiança é o filho querido da estupidez e fantasia, sendo nada menos do que a louca presumpção de que possuímos merito transcendente: — uma alma nobre e um sentimento illustrado nunca formam de si tão vantajada opinião, porque é a mesma illustração quem lhe mostra a estreiteza dos conhecimentos humanos, e o quanto elles distam da sciencia perfeita. Tão pouco perspicaz é o homem, e tão sujeito a errar, que a maior parte das vezes condemna elle os outros sem justa causa. Algumas vezes custa, e não pouco, a

convence-lo de erro; porem circumstancias ha em que a innocencia inspira uma confiança tal que desde logo é conhecida e respeitada. Ante Deus Omnipotente só teem merito os corações puros: — Elle não póde ser enganado, e conhece tanto as nossas acções e pensamentos como as causas que lhe deram origem. Se o tiver-mos offendido escusado é suppor que nos reputará innocente; porem se houver-mos cumprido com os nossos deveres, tanto quanto esteja ao nosso alcance, ninguém será capaz de macular-nos, embora haja nisso o maior empenho. Deus sabe apreciar quaesquer esforços que façamos para lhe ser gratos; e só a sua infinita Sabedoria póde julgar-nos acertadamente, por não estar sujeita a erros. A confiança na bondade de Deus vem da idéa que fazemos da sua Omnipotencia. Se devida e firmemente crêr-mos que Elle é um ente bemfazejo — que deseja a felicidade da creatura — e que tem o poder, assim como a vontade, de felicitar-nos, não nos será difficil considerar todos os acontecimentos do mundo como conducentes a tão desejado fim, ainda que á primeira vista pareçam contrarios ao nosso bem. — Então olharemos as tristezas, as afflicções e

as adversidades como outros tantos conselhos para que fujâmos do crime e sigâmos a estrada da virtude. Tambem ficaremos plenamente convencidos de que se ardente e devotamente pedir-mos a Deus que nos ampare e guie nossos passos, elle attenderá as súplicas que lhe dirigir-mos.

Ha comtudo uma idéa falsa e peccaminosa, que cumpre para sempre desterrar: — é a confiança de que Deus é um ente tão benigno e misericordioso que não póde castigar severamente o transgressor da sua lei. Pensam alguns que em resando continuamente, confessando seus peccados, implorando perdão, e affectando uma exterioridade religiosa, que tudo lhe correrá bem, e que se acham auctorizados para trilhar impunemente a estrada do crime. — Quão desgraçado é o que assim pensa! Deus é bom e piedoso, mas não sacrifica um dos seus attributos aos outros. A justiça divina é inexoravel para com os máus e hypocritas, que julgam engana-lo sob falsas apparencias, e misericordiosa para os que sinceramente arrependidos largam o caminho da perdição e da torpeza.



PLANTA DE JERUSALEM E DO TERRENO ADJACENTE, NO TEMPO DAS CRUZADAS.

- 1 — Belem.
- 2 — Buticella.
- 3 — Logar do Nascimento (\*).

(\*) Este logar collocou a tradição no altar da igreja de Belem, onde os fleis o veneram, como se póde vêr a pag. 65 do presente volume.

- 4 — Local do nascimento do propheta Elias.
- 5 — Habitação de Simeão.
- 6 — Berço do propheta Habacuc.
- 7 — Montanhas de Judá.
- 8 — Muralhas arrasadas.
- 9 — Templo dos mouros.

- 10 — Castello d'Emaús.
- 11 — Castello de Pisa.
- 12 — Logar onde a estrella appareceu aos magos.
- 13 — Cidade do mau conselho.
- 14 — Monte Sião.
- 15 — Porta de Sião.
- 16 — Logar do obito, ou transito da St.<sup>a</sup> Virgem.
- 17 — Palacio de Caiphaz.
- 18 — Casa do Evangelista S. Marcos.
- 19 — Cemiterio dos christãos.
- 20 — Logar onde a Virgem e St.<sup>a</sup> Anna encontram Jesus.
- 21 — Logar da prisão de S. Pedro.
- 22 — Prisões dos turcos.
- 23 — O santo sepulchro.
- 24 — A porta férrea.
- 25 — Sitio onde S. Pedro chorou.
- 26 — Sitio onde os judeus julgaram que tinham roubado o corpo da SS.<sup>ma</sup> Virgem.
- 27 — Praça dos Judeus.
- 28 — Basar.
- 29 — Logar onde apprehenderam Simão Cyrinêu.
- 30 — Igreja de Nossa Senhora.
- 31 — Escondrijo dos tres reis magos.
- 32 — Palacio d'Herodes.
- 33 — Logar desconhecido.
- 34 — Palacio dos patriarchas.
- 35 — Torre dos Turcos.
- 36 — Porta da Estrella.
- 37 — O Campo Santo.
- 38 — Sepulchro de Rachel.
- 39 — Convento dos franciscanos.
- 40 — Igreja actual.
- 41 — Praça grande diante da igreja.
- 42 — A celebre piscina.
- 43 — Sitio onde os judeus escondiam o fogo sagrado.
- 44 — Casa das mulheres de Salomão.
- 45 — Fonte da St.<sup>a</sup> Virgem.
- 46 — Torrente de Cedron.
- 47 — Sepulchro de Absalão.
- 48 — Enfermaria.
- 49 — Sepulchro, denominado de N.<sup>a</sup> Sr.<sup>a</sup>, onde S. Thiago se occultou.
- 50 — Abrigo dos Apostolos.
- 51 — Logar onde Christo disse ás donzellas: « não me lastimeis. »

NESTA semana, que a Igreja Catholica especialmente consagrou á commemoração dos passos da Paixão do Redemptor, será frequente a leitura do Novo Testamento para aquellas pessoas que desejarem instruir-se na historia da sua crença. Mas assim como a historia dos imperios não póde ser bem entendida sem o conhecimento da geographia; a dos livros sagrados exige que se possam bem avaliar as distancias no paiz dos milagres, para que se conclúa que em tão acanhada porção de terreno aprouve á divindade ostentar a maioria dos seus prodigios e completar a redempção do genero humano.

Para maior commodidade, põmos logo abaixo da estampa as indicações, segundo a ordem numerica, apontada no mappa. Advertimos que esta planta foi tirada no tempo das cruzadas, quando ainda permaneciam de pé todos esses monumentos, suscitadores das mais sagradas recordações; poucos delles existem, salvo o local do santo sepulchro e mais alguns de perenne memoria. As guerras pertinazes, o dominio dos barbaros, o lapso dos tempos atenuaram vestigios de sempre veneranda lembrança, e alguns de todo foram apagados. A vida de Christo estava escripta, nos tempos dos primeiros Cesares e alguns tempos depois, em cada um logar da cidade santa,

por onde se lia, não só na pedra, mas na tradição e nas Escripturas dos Evangelistas a estupenda narração dos successos maravilhosos, que fundamentaram uma religião de origem divina, que se estabeleceu, não por combates de armas, mas pela força da persuasão e sanctidade da doutrina.

Já que não podêmos peregrinos visitar Jerusalem; vejâmos como a descreve o modernissimo viajante, o Sr. Affonso de Lamartine, distincto nome na moderna litteratura: — Cheguei ao cimo [do monte das Oliveiras] coroado pelas ruinas d'uma mesquita que encobrem o logar onde Christo ascendeu ao céu depois da sua resurreição: declinei um tanto os passos para a direita da mesquita, a fim de chegar ao pé de duas columnas partidas e derribadas, junto d'algumas oliveiras, a uma platafórma, donde se avistam Jerusalem, o monte Sião, os valles de Sabá que vão parar ao Mar-morto, e este lago brilhando entre as cumiadas das montanhas e o horisonte immenso, recortado pelos contornos de diversas alturas, e que fecha com as serranias d'Arabia. Alli me assentei: eis a scena, que tinha diante: —

A montanha das Oliveiras desce com precipitoso declive até o fundo abysmo, que a separa de Jerusalem e se chama o valle de Josaphat: da cavidade extrema desta sombria e estreita quebrada, cujos lados áridos estão juncados de calhaus pretos e brancos, pedras funebres, como semeadas para marcar o dominio da morte, levanta-se uma dilatada e larga collina, asperamente inclinada, figurando por esta face uma alta muralha derrocada: nenhuma arvore lança alli raizes, nenhum musgo alli segura os seus filamentos: a ladeira é tão aprumada que sem cessar estão desabando pedras e terra solta, e só mostra á vista uma superficie de poeira infertil e tismada, semelhante a montinhos de cinza, que do alto da cidade fosse arremeçada. Pelo meio desta eminencia, ou dessa natural parede, nascem elevadas e fortes muralhas de pedras grandes e toscas, escondendo os seus alicerces romanos ou hebraicos sob a mesma cinza que lhe cobre a base; erguem-se aqui á altura de 50, de 100 pés, e, mais para alem, 200 a 300 pés acima do nivel da terra. Ha tres portas rotas nos muros; duas hoje entaipadas, e a unica que permanece aberta, em frente de nós, parece tão vasia e tão deserta como se fôra a entrada de uma cidade sem habitantes. Ainda as muralhas continuam por cima das portas e sustem um amplo e extenso terrado, que se prolonga pelos dois terços do comprimento de Jerusalem, do lado do oriente: este terrado, pelo que inculca á vista, terá mil pés (\*) de comprido por 500 a 600 de largura; é quasi perfeitamente nivelado, salvo no centro, onde faz uma curva pouco perceptivel, como para indicar o valle pouco fundo, que outrora separava o outeiro de Sião da cidade de Jerusalem. Esta plataforma magnifica, preparada sem duvida pela natureza, mas evidentemente acabada por mãos d'homens, era o sublime pedestal, em que assentava o templo de Salomão: hoje sustenta duas mesquitas de turcos; uma, El-Sakara, no centro e onde provavelmente se estendia o templo; outra na extremidade ao sueste, pegada com os muros. A mesquita d'Omar, El-Sakara, edificio admiravel d'architectura arabe, é uma pedreira de marmore d'immensas dimensões,

(\*) Advertimos que esta medida é franceza; porque nestas descripções topographicas facilmente se avalia a extensão, ainda que a medida seja estrangeira. Quando se traduz uma receita sobre objectos d'artes, &c., e n'alguns casos mais, é rigorosamente necessaria a redução, e então sempre o fazemos. Se houver porem algum escripturulo, consulte a Memoria pelo Sr. Barceiros, que a Academia publicou, e nella achará as equivalencias com promptidão e facilidade.

de oito lanços de parede, cada um ornado de sete arcadas que fecham em arco d'ogiva; por cima desta primeira ordem corre um eirado, donde parte outra serie de arcarias mais estreitas, rematadas por um zimbório engraçado, coberto de cobre, n'outro tempo dourado. As paredes da mesquita são revestidas d'esmalte azul; para a direita e esquerda seguem paredões, coroados d'esbeltas columnas mouriscas, correspondendo ás oito portas da mesquita. Alem destes arcos separados de outra qualquer fabrica, as plataformas continuam, e concluem uma na parte do norte da cidade, e outra nos muros do lado do sul.

Altos cyprestes, disseminados como ao acaso, algumas oliveiras e arbustos viçosos e engraçados, crescendo aqui e acolá por entre as mesquitas, dão realce á esbelta architectura destas e á côr esplendida de suas paredes, pela forma pyramidal e a sombria verdura, cujos contornos apparecem como desenhados nas fachadas dos templos e cúpulas da cidade. Para alem das duas mesquitas e do local do templo hebraico, toda a Jerusalem se dilata, e brota do solo, para assim dizer, á nossa vista, sem que os olhos deixem de descobrir um telhado, uma pedra, como se fosse uma cidade gravada em relevo por mão d'artista. Não é Jerusalem, como no-la afiguraram, um montão informe e confuso de ruínas e cinzas, por onde estejam dispersas algumas choças d'arabes e assentadas algumas tendas de beduinos; não é, como Athenas, um chaos de poeira e muros derrocados, por onde o viajante debalde inquire a sombra dos edificios, o vestigio das ruas, a visão d'uma cidade, mas cidade brilhante em luz e colorido: — Jerusalem nos apresenta nobremente suas muralhas intactas, recortadas d'ameias, a mesquita pintada d'azul com as columnadas brancas, os milheiros de cúpulas resplandecentes, em que dá a luz d'um sol d'outono e depois jorra como vapor, que offusca a vista, as frentes das casas tingidas, pelo tempo e a força dos verões, da côr amarellenta e dourada dos edificios de Pæstum ou de Roma, as torres velhas, guardas do seu recinto, a que não falta nem uma pedra, nem uma setteira ou ameia. Finalmente, em meio desse oceano de casarias e de mirantes, que as rematam, sobresahe um zimbório escuro e de volta abattida, mais amplo que os outros, sobre o qual campêa outro zimbório branco; são o Santo Sepulchro e o Calvario; estão confundidos, e como afogados no immenso labirinto das mais cúpulas e das casas e ruas, que os cercam, e é difficil hoje combinar seus respectivos locaes, que, segundo as idéas que os Evangelhos nos fornecem, deveriam jazer n'uma altura distincta e extra-muros, e não no centro de Jerusalem. A cidade, encolhida pelo lado de Sião, sem duvida se alargaria da banda do norte, para recolher em seu ambito os dois logares, que são a um tempo o seu opprobrio e a sua gloria, o logar do supplicio do Justo e o da resurreição do Homem-Deus!

Eis-aqui a cidade sancta, do cimo do monte das oliveiras: por detraz della cerra-se o horizonte, assim como para o lado do poente e para o do norte: a linha da sua cerca, as agulhas e cimbres de seus curuchéus numerosos, como que se recortam solitaria e distinctamente no azul do céu oriental; e Jerusalem assim firmada e estendida em seu assento vasto e levantado parece que brilha ainda com o antigo fulgor das prophecias, ou que só espera uma palavra para surgir radiante das suas dezeseite successivas ruínas, e vir a ser aquella *Jerusalem nova, que sahe do seio do deserto, resplandecente em claridade.*

Á esquerda daquelle terreiro, do templo e das muralhas, a eminencia, séde da cidade, rebaixa-se qua-

si a prumo, depois alarga-se, estende-se por ladeiras de suave descida, que em partes alternadas sustentem os comoros, seguros por pedras soltas. Na corôa desta eminencia, distante alguns centenaes de passos de Jerusalem, está uma mesquita e um aggregado de casas de turcos, que tudo muito se parece com um logarejo da Europa, do meio do qual rompa a singela igreja com seu campanario. Eis-alli Sião! O palacio — o tumulo de David — o logar das inspirações e delicias do propheta rei, da sua vida e repouso. Sitio para mim duas vezes sagrado, para mim, a quem tantas vezes aquelle sagrado cantor commoveu o coração e extasiou o pensamento. (\*) Foi o primeiro dos poetas sentimentaes, — o principe dos lyricos. Nunca a fibra do coração humano sôou com tão intimas harmonias, tão penetrantes e tão graves: — nunca o pensar do poeta subiu tão alto, nunca vibrou as chordas da harpa com tanta cadencia e verdade! — Nunca a alma do homem se desatou, perante a divindade e os homens, em expressões, em sentimentos tão ternos, tão sympathicos, e tão vehementes! Todos os mais secretos suspiros do coração humano tem achado vozes e accents de musica divina nos labios da harpa do pastor monarcha! E se quisermos remontar á epocha, tão afastada de nós, em que retumbavam pela terra hymnos de vates, se considerarmos que então a poesia lyrica das mais cultas nações só cantava a ebriedade, o amor prophano, o sangue, e as victorias das musas e dos corredores nos jogos d'Elide, profunda será a nossa admiração ao escutar os sons mysticos de David, que falla a Deus Creador, como o amigo a seu amigo, que comprehende e louva os seus prodigios, que venera a sua justiça e implora a sua misericordia, que parece o echo anticipado da poesia evangelica, repetindo as brandas palavras de Christo, antes de as ter ouvido. — Propheta ou não, conforme o considerar o christão ou o *philosopho*, nenhum destes lhe poderá negar a inspiração, que a outro nenhum homem foi doada. Lêde as odes de Horacio ou de Pindaro, depois de ter lido um psalmo de David! ... eu não as posso tolerar! — Humilde poeta de um tempo de decadencia e silencio, se vivesse em Jerusalem, teria escolhido o logar de minha habitação, e a cabeceira de meu descanso mortal, exactamente onde David o escolheu no monte Sião. É a vista mais bella da Judéa, da Palestina, da Galiléa. Jerusalem fica á esquerda, por onde pôde penetrar a vista do rei ou do poeta sem que o vejam. Eis na frente jardins e hortos fecundos, que vem descendo pelas encostas a esmorecer insensivelmente nas faldas; e por elles podia guiar os passos até ao leito da torrente, cujas aguas espumosas e grato ruido David estimava. Mais para baixo, abre-se, alarga-se o valle, a que dão sombra as figueiras, as romeiras, as oliveiras. Sobre alguns desses penedos pendurados sobre a limpha correntia; n'alguma dessas grutas retumbantes, refrescadas pela viração e o murmurio das aguas; ao pé de alguns desses terebinthos, avós do que me está abrigando; vinha indubitavelmente o poeta sa-

(\*) Nesta semana, em que os fieis ouvem os psalms do monarcha hebreu, cantados pela voz dos sacerdotes, recommendamos aos leitores que procurem instruir-se naquella poesia divina, tão propria para consolação nas desgraças e misérias da vida, como para dar graças nos prosperos successos ao Senhor de tudo quanto ha creado. A versão do P.<sup>e</sup> Pereira é excellente para os que ignoram a lingua latina; alem disso as musas portuguezas não desprezaram a poesia biblica: Domingos Maximiano Torres (Alfeno Cynthio), a fallecida marquez de Alorna, pozeram os psalms em rima e linguagem patria, com mais ou menos felicidade. Nas obras do P.<sup>e</sup> Caldas ha magnificas translações metricas dos cantos de David.

grado esperar a inspiração celeste que tão melodiosamente lhe calava pelo fundo d'alma! Que não o pudesse encontrar ahí para cantar as tristezas do meu coração e as do coração de todos os homens, nesta idade inquieta, como elle cantava as suas esperanças n'um tempo de juventude e fé! Mas não ha hymnos no coração do homem; porque a desesperação não canta. Em quanto um novo raio de luz não baixar sobre a tenebrosa humanidade dos nossos dias, as lyras permanecerão mudas, e o homem passará silencioso entre dois abismos de duvida, sem ter amado, nem orado nem cantado hymnos. — Mas torno a subir ao palacio de David. Dalli inclino a vista para o fundo barranco de Josaphat, nessas eras vecejante e regado por arroyos; e por uma larga quebrada nas collinas de leste, a encaminho por entre os varios accidentes do terreno até a caldeira, chamada Marmorto, que lá bem ao longe reflecte os declinados raios do sol da tarde em suas aguas espessas e pesadas, como um grosso vidro de Veneza, que dá uma tinteira baça e côr de chumbo á luz que lhe bate na superficie. Não é com effeito o que no pensamento figurámos, um lago petrificado n'um horisonte triste e sem colorido: visto daqui é um dos mais formosos lagos da Suissa ou da Italia, e que adormece com suas aguas serenas entre as sombras das elevadas montanhas da Arabia, que se prolongam alem delle como os Alpes, a perder de vista, e por entre as assomadas despedidas para o ar, de variadas fórmas, pyramidaes ou conicas, esbeltas, denteadas, e vislumbrando com o reflexo das extremas serranias da Judéa. Tal é a vista de Sião. Vamos avante. —

Ha outro quadro de paiz do territorio de Jerusalem, que eu desejaria me ficasse para sempre esculpido na memoria: mas fallecem-me pinceis e tintas. É o valle de Josaphat, celebre nas tradições de tres crengas; porque os judeus, os christãos e os musulmanos concordam em que será elle o terrivel theatro do juizo final. Valle, que em suas orlas viu já a maior scena do drama evangelico; as lagrimas, os gemidos, a morte de Christo! Valle, por onde todos os prophetas alternativamente passaram, exhalando o clamor de tristeza e horror, que parece que ainda por allí retumba! — Valle, que deverá emfim escutar o grande estrondo da torrente d'almas, que correrá perante Deus a appresentar-se ao seu juizo fatal!

\*

Escolhemos esta passagem das — Recordações — de Lamartine, por ser tão moderno e conspicuo viajante. Para conhecer o estado da Terra Santa em mais antigos tempos possuímos obra portugueza, que é pelos mestres da lingua reputada como livro classico em linguagem; este é o *Itinerario de Fr. Pantaleão d'Aveiro*, hoje pouco vulgar. Já neste seculo um religioso franciscano, do hospicio filial nesta cidade do mosteiro de Jerusalem, a que por isso chamavam da *Terra Santa*, escreveu n'um volume abreviada relação dos logares sagrados na Palestina.

Todos são tentados de um, ou outro modo. Conheço uma pessoa, que se considera sempre pendurada por um fio sobre o atoleiro da sua miseria, e assim anda repassada de temor, sem cessar de clamar: *Ne derelinquas me, Domine, Deus meus &c. Não me abandoneis, Senhor, Deus meu.* E diz ella, que á medida que cresce na idade, sente redobrar o combate, e o susto de succumbir: alenta-se porem muito com esta maxima constante de moral christã: que ninguem pode ser culpado aos olhos da Justiça

Soberana, se não é livre, commettendo o mal; menos que não se tenha posto por sua falta na impossibilidade de o evitar. Ninguem pode deixar de sentir o que se passã na sua alma, e no seu corpo; para que pois me hei de affligir com lembranças, que não são sujeitas ao meu livre arbitrio, e que por conseguinte me não podem fazer réu de crime? Quem sabe? Talvez por não distinguir o sentimento do consentimento, no seio mesmo da victoria julgarei estar vencido, e que cedo á tentação no mesmo tempo, que lhe resisto: e talvez que a este combate deva eu a minha felicidade. Será a escôva e a vâra, com que o Senhor quererá desentranhar o pó da soberba, que se introduz no meu coração; ou será a palmatoria e o açoute, com que me ensina; ou remedio para me curar, ou em fim degráu para subir mais alto no céu. Seja qualquer que fôr o fim, sempre estou certo que é para meu bem; basta: lanço-me no seio da amavel Providencia, como um menino no regaço da carinhosa mãe, e descanso. — *D. Fr. Caetano Brandão.*

#### AFFONSO D'ALBUQUERQUE.

Se quereis ver o capitão mais claro,  
Que a fama conheceu, que viu a terra,  
Vêde a Albuquerque insigne, archivo raro,  
Que a disciplina militar encerra:  
Quantas vezes o vejo mais reparo  
Neste grande varão, raio da guerra;  
Notai-o de vagar, que basta vê-lo  
Para ficardes do valor modelo.

MACED. — *Olyssip. Cant. XII. Est. 56.*

AFFONSO d'Albuquerque, 2.<sup>o</sup> governador da India, foi nobre por sangue, e nobilissimo pelos seus grandes feitos no oriente, theatro da antiga gloria portugueza. São tantas e tão assignaladas as facções militares deste esforçado capitão, que longe iriamos se as pertendessemos agora enumerar. Conquistára elle e fizera tributario á corôa de Portugal o poderoso reino d'Ormuz; assenhoreou-se duas vezes de Gôa, conquistou Malaca na peninsula do Gañges; destruiu Calcut, reino fertilissimo no golpho persico; ganhou o reino e ilha de Ceilão; fez tributarios os reis de Narsinga, Cambaia, Singapor, Maldiva e outros não menos fortes: — e, finalmente, estendeu e firmou o imperio asiatico-lusitano com muitas e dilatadas conquistas, sendo o terror do Çamorim e do Hidalcão, famosos entre os reis bellicosos do oriente, obrigando-os, e a muitos outros potentados da Asia, a pedirem-lhe submissamente a paz, ou acceitarem, por força do ferro, a lei dos portuguezes vencedores. Julgaes, porem, que os serviços de Affonso d'Albuquerque tiveram por paga a confiança do soberano, ou que para elle se abriu o cofre inexaurivel das graças? — Quanto vos enganaes.

Ouçâmos Pedro Mariz no *Dialogo 4.<sup>o</sup> de Varia Historia*, que, melhor do que nós o poderamos fazer, descreve o feio acto de ingratição praticado com o heroe portuguez.

« — Não fazendo caso Affonso d'Albuquerque de muitos capitulos e más informações que delle mandavam a elrei D. Manuel pessoas, que, por sua virtude e esforço, lhe tinham inveja misturada com algum odio, e confiando elle na bondade d'elrei com seus muitos serviços, tendo-lhe quasi toda a costa da India debaixo do seu dominio, com muitas cidades della suas, e muitos reis, principes e senhores lhe pagarem tributos e serem seus vassallos, como eram Ormuz, Gôa e Malaca, de que podia fazer

conta como de cousa sua propria, lhe pediu por cartas, em que lhe representava estas e outras muitas obras, lhe fizesse mercê do titulo de duque de Gôa, onde desejava aposentar-se e repousar em seu serviço. Este requerimento, que merecia outro despacho differente, accrescentou as suspeitas que seus inimigos delle publicavam, dizendo que era ordem conhecida para se levantar com a India, porque os reis confederados eram grandes seus amigos, e os inimigos com temor lhe obedeceriam, e os portuguezes o tinham em lugar de pai e os indios por senhor, e elle que para tudo tinha grande animo e artificio, e de condição era aparelhado para commetter maiores cousas. Pelas quaes rasões, com tanto artificio enfeitadas, mandou elrei D. Manuel Lopo Soares de Albergaria á India para lhe succeder nella e o mandar a este reino. Era elle tal, alem do que me tendes ouvido, que muitos reis d'aquelle oriente vinham vêr sua pessoa pela fama das suas obras, e todos o mandavam visitar muito a miudo com presentes. Elle mandou embaixadores e descobridores á China, ás ilhas Molucas, ás de Maldiva, ao reino de Ceilão, á grande ilha de Ceilão, ao grande Ismael Sophi da Persia, a elrei de Sião, ao de Narsinga, e a outras muitas ilhas e provincias, que todas por sua industria se vieram a conquistar e metter na corôa destes reinos: com os quaes fez tantas obras, de seu fortissimo animo nascidas, que mal pôde a fraqueza de minhas palavras explicar a dignidade de sua grandeza . . . . .” — Quando Lopo Soares chegou á India estava Affonso d'Albuquerque em Ormuz, e querendo-se ir para Gôa adoeceu de camaras; mas deixando todas as cousas bem ordenadas, para lhe não ficar alguma, se partiu todavia assim doente como estava. E no caminho sendo avisado da chegada de Lopo Soares, entendeu que era negocio forjado por seus inimigos. Comtudo dando graças a Deus levantou as mãos ao céu, dizendo estas palavras, que por serem suas são já bem conhecidas de muitos: — *Deus seja louvado; mal com os homens por amor d'elrei, e mal com elrei por amor dos homens, e tanto imprimiu nelle a paixão desta novidade que logo se deu por acabado, dizendo, que a seus trabalhos tinha já Deus concedido o descanso delles, e logo escreveu uma carta a elrei D. Manuel em que dizia: « Senhor, escrevo a V. A. com soluços que é signal de morte. Nesses reinos tenho um filho; peço-lhe que m'o faça grande como meus serviços merecem, os quaes eu fiz com minha servicial condição; pelo que a elle mando que com pena de minha benção vo-lo queira. E quanto ás cousas da India ellas fallarão por si e por mim. »*

E assim, encanecido entre o estridor das armas; succumbindo á amargura que derramavam em sua pobre alma tão repetidos lances de ingratião; carregado de serviços e de gloria; cuberto de cicatrizes recebidas em empresas que lhe ganharam immortal renome; assim, diremos nós, desceu Affonso d'Albuquerque á sepultura em um Domingo 16 de Dezembro de 1515, não lançado em lóbrega masmorra como o fôra o grande Duarte Pacheco, mas no theatro proprio da sua gloria, que aulicos desalmados tanto se esforçavam por escurecer.

A nós, que desejáramos poder rasgar a negra pagina da historia que a notícia deste successo nos transmittiu, pareceu-nos util dar conhecimento a nossos leitores de um documento ha poucos annos conhecido, o qual, até certo ponto, absolve do peccado de ingratião um dos mais felizes e mais poderosos monarchas portuguezes: — É uma carta, não vista pelos nossos chronistas antigos, que o socio da academia real das sciencias, José Joaquim Soares de Bar-

ros, encontrára no cartorio d'Alcobaça; e inserta n'uma memoria d'aquella academia, transcripta a pag. 253 do tomo 5.<sup>o</sup> das memorias de litteratura da mesma academia. É escripta em Almeirim a 11 de Março de 1516 por elrei D. Manuel a Affonso d'Albuquerque, e concebida nos seguintes termos; sendo facil saber-se que não chegou ás mãos deste: — « Diz elrei que tivera novas dobradas por via de Flandes; que soubera por parte de Veneza como Affonso d'Albuquerque tinha tomado Adem e estava victorioso no estreito da Arabia com a sua armada. — Manda-lhe elrei dizer que a causa de lhe ter escripto que se retirasse, e ter mandado por successor a Lopo Soares, foi para que viesse descansar e para que o viesse advertir do que lá na India era mais necessario, e para que elle mesmo visse quão contente estava elrei dos seus serviços. — Comtudo como mais convinha ao serviço de Deus que elle ficasse na India lhe manda commissão para que seja governador desde a costa de Cambaya até Moçambique e por toda a terra firme, e que seja isento de Lopo Soares, e que todos lhe obedeam, e que o seu assento seja em Adem se estiver tomado, ou em alguma terra no estreito da Arabia: e manda que toda a gente que aquelle anno ia na armada da India vá servir ao dito Affonso d'Albuquerque. Ordena que tenha as preeminencias, e pages, e soldados que havia antes de Lopo Soares chegar á India. — Encomenda-lhe a amizade do Preste João; manda-lhe que vá a Suez destruir e queimar a armada do Soldão do Egypto. — *Item*, que vá destruir o porto de Judá. — E acerca das cousas de Méca e do logar aonde jaz o malvado Mafamede, Nosso Senhor abrirá, por Sua divina misericordia, os caminhos e alumiará da Sua graça, e ajudará nosso bom desejo, e vontade que tendes, para nestas cousas o servirdes e a nós contentardes. Ultimamente lhe roga que não tenha a mal a divisão do governo que faz, pois vê quanto importa segurar-se o Mar-rôxo para a conservação da India, e que isto ninguem o podia fazer senão elle; porque se já cá neste reino estiverdes, diz elrei, não poderíamos escolher outro para lá enviar, salvo vós; quanto mais estando lá; e quasi por obrigação de vossos trabalhos, e por cumprimento do louvor delles, o deveis fazer. »

Esta carta, diz o referido academico, achava-se escripta n'uma collecção de manuscritos, em oito vol. em 4.<sup>o</sup>, no cartorio d'Alcobaça, e a que se poz o titulo de *Theouro de varias antiguidades*; devendo agora existir no real archivo da torre do tomo.

*Progresso nas sciencias.* — Por uma particular prerogativa, não só cada homem se adianta de dia para dia nas sciencias; mas todo o genero humano vai na mesma vereda fazendo continuos progressos, porque o mesmo acontece na successão dos homens que nas idades differentes de um só individuo; de sorte que toda a serie dos homens, durante a carreira de tantos seculos, deve ser considerada como um mesmo homem, que subsiste sempre e continuamente aprende; do que se tira a grande semrasão e injustiça, com que respeitâmos os philosophos da antiguidade *principalmente por causa da sua ancianidade*; porquanto, assim como a velhice é a idade mais afastada da infancia, quem não conhece que a velhice desse *homem universal* se não deve procurar nos tempos proximos ao seu nascimento, mas sim naquelles que deste forem mais remotos? —

Pascal. — *Pensamentos.*